

O conteúdo desta página é livremente escolhido pela personalidade convidada para a preencher

BOLONHA:

uma crise em vias de se tornar urgência

Desde há muitos meses, desde há alguns anos até, entrecortados por períodos de relativa hibernação, que a comunidade universitária se debate com uma necessária reestruturação, correntemente designada por *Reforma de Bolonha*.

À semelhança de muitas outras reformas já ocorridas no contexto educativo, de que a última em que me vi mais ou menos envolvida, como mãe, foi a dos agrupamentos escolares (que envolveu jardins de infância, 1º, 2º e 3º ciclos), o sistema, entre amedrontado e preguiçoso, procura iludir a *crise*, transformando-a em *urgência*, através de um adiar do tempo de reflexão e decisão até um limiar em que só ajustes e adaptações são imagináveis e possíveis.

Sendo esta uma conversa que poderia ter tido, partilhá-la, agora, é uma forma de metacomunicar e, como tal, de clarificar, perante mim própria, aquilo que penso ou estou disponível para fazer.

UM OUTRO: Não estás cansada de *Bolonha*?

EU: Sim e não...

O MESMO OUTRO: Como sim e não? Não te parece que vamos perder muito em qualidade? E que, finalmente, vai ficar tudo na mesma, ou mesmo pior?

EU: Talvez sim, talvez não...

O MESMO OUTRO: Estás encantadora! Completamente transparente, entre um sim e um não e um talvez!

EU: Deixa-me contar-te uma história; talvez percebas depois melhor o que quero dizer.

Era uma vez um sábio que, na presença dos seus discípulos, administrava justiça entre dois queixosos. Um deles queixava-se de que lhe tinham roubado uma vaca e considerava que o ladrão, presente na sala, devia ser castigado. Depois de reflectir longamente sobre o assunto o juiz decidiu que, se era assim como ele contava, ele tinha razão. Falou então o suposto ladrão e explicou que realmente tinha roubado a vaca porque os filhos estavam a morrer de fome e ele não encontrava trabalho, apesar de todos os esforços que tinha feito para o encontrar. Como o seu vizinho era rico, achava que ele podia esperar até que pudesse pagar-lhe. Depois de pensar aturadamente, o juiz deu-lhe razão. Aos discípulos que se admiraram de o mestre ter dado razão a duas razões contraditórias dos mesmos factos o juiz, depois de muito meditar, respondeu que também eles tinham razão¹.

O MESMO OUTRO: Estou cada vez mais confuso! Será que, afinal, o que pensas de *Bolonha* é *NIM*?

EU: De forma alguma. *Bolonha* seduz-me porque me empurra para novas formas de estar na docência, para formas mais co-construídas, em que a complementaridade pode tornar-se mais oscilante e em que o conteúdo de um discurso que pontua o sujeito como competente e autónomo pode encontrar processos pedagógicos mais consonantes. E, nesse sentido, é com convicção que desejo *Bolonha*.

OUTRO OUTRO: O que queres dizer com isso de complementaridade oscilante?

EU: A relação professor-aluno é uma interacção marcada por diferenças que se encaixam e em que o professor, na sua posição *one-up*, dirige e detém a responsabilidade dessa mesma interacção enquanto o aluno, numa posição *one-down*, ajusta o seu comportamento ao do professor e responde à sua iniciativa. O crescimento afectivo e cognitivo de ambos, contudo, exige uma alternância destas posições não só para que o aluno desenvolva as competências de direcção e responsabilidade na interacção mas também para que o docente crie novos textos e não se arisque a manter a mesma narrativa nos seus trinta e tantos anos de profissão.

O PRIMEIRO OUTRO: Falavas de processos mais concordantes com conteúdos...

EU: Sim, questiono-me muitas vezes sobre como respeito a ideia de o que sujeito é um sistema auto-organizado, capaz de promover mudanças, no seu interior, que lhe permitam um aumento da sua complexidade funcional e organizacional. Sobre como lhe posso transmitir informação pertinente que o faça aumentar o seu (desejo e domínio de) conhecimento, de tal forma que ele não se cole à informação veiculada mas se aproprie dela e a integre de forma a transformar-se e a transformá-la em novas reflexões e intervenções.

Os modelos expositivos, mesmo quando partilhados por professores e alunos, facilitam pouco a co-construção deste processo de ensino-aprendizagem. É nisso que espero que *Bolonha* possa constituir uma *perturbação* suficiente para encontrarmos novas formas de criar e desenvolver conhecimento.



O PRIMEIRO OUTRO: Estás a falar da nova pontuação? Das horas de contacto, de estudo e das horas tutoriais?...

EU: Sem dúvida. E também numa organização da formação superior que está longe de ter no nível de mestrado a sua pontuação fundamental.

O SEGUNDO OUTRO: Estás a pensar em cursos de doutoramento...

EU: Também mas não só. Parece-me que é frequente, no nosso País, a formação ter um carácter mais ou menos episódico, alcançando, por vezes, níveis excelentes mas que não se potenciam no tempo, dificultando, assim, a organização de um processo contínuo de aprendizagem bem como a criação de redes inter-pares muito úteis no apoio e crescimento das pessoas e dos profissionais.

O PRIMEIRO OUTRO: E achas que isso compete às Universidades?

EU: Acho que é muito útil ao seu próprio desenvolvimento pois permite uma recursividade entre investigação-aplicação-reflexão-docência-investigação... que, doutra forma, me parece ficar muito dificultada ou mesmo impossibilitada.

Desde há anos que sinto que, enquanto docente universitária, tenho bastante para dar a profissionais da minha área, e de áreas afins, que estão no terreno, mas também sinto, com igual intensidade, que eles me permitem pensar problemas e soluções que, de outra forma, dificilmente equacionaria.

O PRIMEIRO OUTRO: Não entendo...

EU: Não sei se concordas comigo, mas eu sinto que o ensino universitário precisa de se transformar de forma a tornar as pessoas genericamente mais capazes de se desafiarem a si próprias e de produzirem trabalho de

maior qualidade. *Bolonha*, obrigando-nos a uma nova estruturação do processo de ensino-aprendizagem podia constituir a *perturbação* necessária à transformação qualitativa do próprio sistema. Perguntas-me se com *Bolonha* vamos ficar melhor. Não sei o que poderá acontecer se nos permitirmos perder o equilíbrio que temos tido e nos permitirmos transformar os padrões de relação inter-pares e entre docentes e discentes. Sei é que dificilmente continuaremos na mesma, a menos que convertamos esta oportunidade de mudança num quadro de simples adaptação. E parece-me que é isso que corremos o risco de fazer, propondo mudanças mínimas

com a desculpa de que não há tempo para pensar doutra forma ou de que não podemos perder o poder que a afirmação da nossa autonomia docente nos confere, o que eventualmente aconteceria se nos abrissemos mais à co-construção de novos projectos curriculares.

O SEGUNDO OUTRO: Não sei porquê, mas o que acabaste de dizer fez-me pensar na afirmação de *Tuiavii*, chefe da tribo de *Tiavéa*, nos mares do sul: ... *A palmeira deixa cair as folhas e os frutos quando estes amadurecem. O Papalagui vive como uma palmeira que retivesse folhas e frutos, dizendo: "São meus! Não tendes o direito de os apanhar ou de os comer!" Como fazia ela, então, quando viessem novos frutos? A palmeira é bem mais sensata do que o Papalagui...*²

EU: Não é fácil ser palmeira mas é dessa forma que crescemos e somos reconhecidos.

O PRIMEIRO OUTRO: Afinal, porque disseste que também estavas cansada de *Bolonha*?

EU: Porque temo cada vez mais que *ela* deixe de ser uma oportunidade de mudança nacional. Embora, pela minha parte (e nisso tenho a certeza de que estarei acompanhada por vários Outros), procure deixar que *ela* me *perturbe* suficientemente a ponto de criar um novo patamar na minha vida docente.

Madalena Alarcão

¹ In Alarcão, M. (2002). *(dês)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora

² Tuiavii de Tiavéa (2003). *O papalagui: Discursos de Tuiavii, chefe de tribo de Tiavéa nos mares do sul*. Lisboa: Edições Antígona.